

**A HISTÓRIA DAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS COM ÊNFASE NA  
COMUNIDADE BOCA DO CAMPINA.**

*Maria da Gloria Lima da Silva<sup>1</sup>  
Luziane Nair Lobato dos Santos<sup>2</sup>*

**RESUMO:** As comunidades ribeirinhas, são conjuntos de casas que ficam localizadas em rios e igarapés espalhados pelos territórios brasileiros. Apesar de não serem vistas com seu grau devido de importância, essas comunidades guardam consigo, legados, crenças, saberes, diversidades e culturas que influenciam a diversidade brasileira. O objetivo geral deste trabalho foi contar um pouco a história das comunidades tradicionais, como ocorreu seu surgimento, seu desenvolvimento econômico, tradições culturais e sua influência nos meios urbanos. Em especial a Comunidade Boca do Campina, as transformações que ocorrem desde o seu surgimento até os dias atuais. A metodologia utilizada para o levantamento das informações, foi a utilização de entrevistas com os moradores da localidade Boca do Campina, onde irão fornecer os devidos dados para a obtenção dos resultados da pesquisa.

**Palavras-chave:** Comunidades ribeirinhas. Boca do Campina. Economia e Cultura.

## **1. Introdução**

As comunidades tradicionais, são complexos de casas encontradas geralmente ao longo de rios e igarapés. São pequenos grupos de pessoas que se distinguem culturalmente da sociedade predominante, organizam-se de forma própria e ocupam territórios de várzeas e se apropriam dos recursos naturais para sua subsistência.

Para manter sua cultura esses grupos usam conhecimentos, inovações e práticas transmitidas oralmente e também com práticas cotidianas. Geralmente esses conhecimentos são passados de geração a geração de acordo com cada família.

Primeiramente, foi realizada uma breve pesquisa na comunidade ribeirinha Boca do Campina, onde foi feito um levantamento da comunidade em si e de seus moradores. Sendo realizadas algumas entrevistas com alguns de seus habitantes, onde eles irão relatar através de um breve diálogo um pouco da história do local.

Para o alcance do objetivo proposto, a metodologia escolhida para o trabalho serão as entrevistas que será feita com alguns de seus moradores, onde eles irão fornecer dados

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de História Mediado por tecnologia, Núcleo de Ensino Superior de Ipixuna, Universidade do Estado do Amazonas-UEA. E-mail: gloriaofc23@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em História Social pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM. E-mail: luziane.historia@gmail.com.

referentes a história do local. As entrevistas serão obtidas através de áudios via WhatsApp, diálogos presenciais com os entrevistados e viagens ao local para o levantamento das informações.

Alguns questionamentos serão levantados para os moradores da comunidade sobre questões de subsistência, questões ambientais, políticas, culturais e comunitárias. Em um contexto geral, também será abordado como ocorreu o desenvolvimento das comunidades ribeirinhas, em especial a comunidade Boca do Campina, bem como as mudanças que ocorreram durante esse processo, quanto o que permaneceu no legado dessa localidade.

O motivo pelo qual surgiu o interesse para o desenvolvimento desta problemática, foi através das disciplinas de Amazônia I, II e III. Onde a disciplina abordava sobre os coronéis de barranco, sua forma de governar as comunidades, os trabalhos desenvolvidos nas localidades, de onde surgiram seus primeiros habitantes, o manejo da terra e a extração de seus recursos naturais. É nesse contexto que o presente trabalho, tem como objetivo refletir sobre as comunidades ribeirinhas, visando destacar a importância do seu lugar em meio aos desafios sociais e econômicos da sua região. Neste artigo também serão explanadas as estratégias utilizadas para sua alimentação através dos recursos da natureza.

Visto que, fica evidente, a continuação de tais agrupamentos seringalistas, torna-se necessário fazer uma conscientização sobre os povos tradicionais, a respeito de seus saberes e identidades. Pois, são povos que procuram manter uma ligação de respeito com a natureza, embora que na maior parte dos casos, essas comunidades, não sejam enxergadas com o seu devido grau de importância.

O presente trabalho, constará de 2 capítulos abordando de modo geral o surgimento dos povos ribeirinhos, suas discrepâncias, lutas e conquistas para manter suas originalidades.

No primeiro capítulo, será debatido a forma como se originou a formação das comunidades ribeirinhas, de quais regiões vieram seus primeiros habitantes e a causa pela qual se deslocaram para essa região. Como também, abordará quais trabalhos eram realizados, condições de moradia, condições alimentícias, desvinculo e permanência habitacional.

Já no segundo capítulo, encontrar-se-á as entrevistas realizadas pelos moradores da comunidade Boca do Campina, onde relatarão de forma abrangente, a história do local.

Envolvendo questões que tratam sobre sua origem, evolução, aperfeiçoamento e o cotidiano de seus habitantes desde a sua formação até os dias atuais.

## **2. Processo de surgimento de uma comunidade ribeirinha.**

É de conhecimento geral a existência de comunidades ribeirinhas ao longo de todo o percurso dos rios amazonenses, comunidades essas que persistem em sua existência antes mesmo da chegada dos nordestinos a região em busca do látex. Tais localidades até então, eram formadas por povos indígenas, que realizavam suas tarefas cotidianamente como a pesca, caça, plantio de mandioca e a extração do látex para uso pessoal. Assim como apresenta a autora Monica Lages (2010, p.6).

Por volta de 1870, aproximadamente, começaram a surgir os primeiros seringais no Amazonas. Anteriormente, a borracha era colhida na região, pelos índios que trocavam as “drogas do sertão” por mercadorias. Somente a partir de 1870 quando a maciça migração nordestina atingiu o Amazonas é que os seringais surgem com a forma de organização gerencial – econômico administrativo e política.

Nesse processo de crescimento e produção da borracha, algumas cidades que já existiam, acabaram se desenvolvendo ainda mais, como é o caso de Manaus e Belém, que se tornaram grandes capitais através dos lucros que a extração do látex proporcionou. Além de acarretar a formação de pequenos municípios no interior do Amazonas e demais regiões.

Atraídos até então por grandes propagandas de trabalho, várias pessoas se transportavam de sua terra natal, na perspectiva de encontrar um tão sonhado trabalho digno. Então, com esse movimento da chegada de várias pessoas de regiões diferentes em busca de trabalho, foram se proliferando ainda mais os seringais, nome que deriva do coletivo da seringueira.

No entanto, o surgimento de uma nova ferramenta de trabalho para muitos era visto como uma oportunidade de emprego e mudança de vida. Contudo, acabavam se tornando escravos de seus patrões, tendo que enfrentar duras jornadas de trabalho e péssimas condições de moradia, tendo que trabalhar apenas para pagar as dívidas contraídas como transporte, comida, roupas, remédios entre outros, tornando assim a dívida infinita.

Esteves 1999 destaca:

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

O seringueiro não poderá abandonar o serviço ou passar para o seringal pertencente a outro seringalista, sem liquidar integralmente as suas contas e obrigações decorrentes do primeiro contrato, salvo, todavia, se o seringalista com quem pretender trabalhar, assumir, como fiador, a responsabilidade do débito acaso existente, ou paga-lo imediatamente ao credor, se este assim o preferir (ESTEVEVES, 1999, p.113).

Para a maioria das pessoas que chegavam em busca de trabalho, não era fácil se desvincular de seu trabalho a menos que outra pessoa assumisse a responsabilidade de fiação da dívida, só então assim poderiam migrar para outra área de trabalho, cidade ou patrão. Pois os mesmos eram atraídos por propagandas enganosas do governo com falsas oportunidades fáceis de emprego, mas assim que chegavam ao local de trabalho a realidade era outra.

Acreditavam-se que iriam ter uma qualidade de vida melhor, um bom salário, uma boa alimentação, até mesmo a possibilidade de adquirir um pedaço de terra para poder produzir seus alimentos. Mas logo percebiam que tudo não passava de uma grande enganação, passando então a viver uma vida escravizada de trabalho.

Para Paula (1991, p.97) aqueles seringueiros que deixaram de pagar renda ao seringalista e romperam radicalmente com o barracão e com as regras de dominação impostas anteriormente pelo regime de “cativeiro” eram dados como autônomos. Sendo assim, com a desvalorização da borracha, alguns trabalhadores conseguiram se desvincular de seus patrões e assim escapar das dívidas, também como das infinitas horas de trabalho.

Geralmente a presença desses trabalhadores eram majoritariamente homens, a atuação da mulher nos barracões e nos seringais no início era pouco presente, sendo ela a minoria nesses lugares. Pois para os donos dos seringais a mulher não servia para o trabalho pesado, mas apenas para os trabalhos domésticos, como arrumar a casa, cuidar do marido e dos filhos.

Comumente, as mulheres eram usadas para a prostituição, outras para serem trocadas por borracha ou por armas de fogo, ou, por outro lado, essas mulheres eram capturadas, sendo elas na maioria indígenas, tornando-se escravas do trabalho forçado. E essa narrativa perdurou por bastante tempo, até que o número de mulheres foi crescendo gradativamente nesses locais.

Logo após muitas lutas por inclusão, a presença das mulheres foi sendo incrementada nos barracões e nos seringais, estabelecendo funções dentro de suas casas, cuidavam dos

filhos, executavam tarefas domésticas e cuidavam de pequenas hortas nos fundos de suas casas. Já dentro das colocações trabalhavam como parteiras, rezadeiras, curandeiras e feitiças, se destacando também no cultivo de castanhas no inverno.

Sem deixar de contar também com a presença feminina nesse meio de trabalho, Monica Lage destaca (2010, p.20).

Acalentando dentro de si o sonho de acumular alguma riqueza, como possuir um pedaço de terra ou um roçado de onde tirar o alimento e ver os filhos ao redor da casa a pularem de um lado para outro, gritando e correndo, eram anseios que impulsionavam homens e mulheres em busca de seus sonhos, de suas esperanças e realizações.

E assim, inúmeros homens e mulheres viam os barracões como fonte de renda, uma forma viável de prosperidade onde poderiam criar seus filhos de uma forma melhor, além de enxergarem como um meio viável para fugir da seca e da fome. Entretanto, suas liberdades eram tiradas tendo que trabalhar duro para garantir no mínimo a comida para suas famílias.

Para WOFF 1999, com a presença do trabalho feminino nos seringais, era possível que as famílias se dedicassem à agricultura e ao corte da seringa, mesmo com os patrões tentando enraizar na mente dos trabalhadores que a produção da borracha era prioridade. Isso implicava nas ordens diretas dos patrões em ser feito os trabalhos somente para eles, sem que os seringueiros pudessem produzir alimentos para si próprios.

Em 1911 com a crise da borracha muitas famílias começaram a sair dos seringais, chegando a voltar para os centros urbanos em busca de novas oportunidades de trabalho. No entanto algumas dessas pessoas que constituíram família enquanto trabalhavam, permaneceram em suas comunidades, inovando em novas técnicas de sobrevivência, como o plantio da mandioca, pesca e até mesmo fazendo negociações com marreteiros em troca de produtos originários da região.

De acordo com o autor Cavalcante (2022 p.53):

Para os seringueiros, os efeitos da referida crise foram diferentes. Ocasionalmente um fortalecimento da sua identidade enquanto tal. A medida que a crise da borracha se aprofundava, esses trabalhadores ganhavam autonomia em relação ao patrão-seringalista. As relações sociais de produção no seringal se alternavam, com os seringueiros estabelecendo vínculos comerciais diretamente com marreteiros, deixando de pagar renda ao patrão intensificando suas organizações coletivas.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Apesar da crise ter afetado várias famílias nas demandas de trabalho, os esforços dos seringueiros para conquistar sua independência começaram a valer a pena. Vale destacar que o trabalho nos seringais nos dias de hoje ainda é presente, principalmente na produção agrícola, agropecuária, caça e pesca. Os esforços ainda continuam árduos por não haver muitas tecnologias e os serviços ainda serem braçais, porém, cada qual com o seu próprio espaço de trabalho e dono do seu próprio negócio.

Neste contexto, observamos que grande parte das comunidades ribeirinhas foram compostas através de famílias vindas de várias partes do Brasil a procura de trabalho, e em nossa região não foi diferente.

Apesar das dificuldades encontradas e da dureza de seus trabalhos, a corporação seringalista em sua grande maioria, ao se desvincular de seus empregadores, optaram por permanecer em localidades ribeirinhas pois notaram grandes facilidades na procura de alimentos. Igualmente como alguns vieses em trabalhos autônomos para o sustento da família, como por exemplo, no cuidado da terra para a produção do seu próprio alimento.

Além de constituir uma vida simples e modesta, buscavam sempre manter uma vida longe da agitação dos centros urbanos, pois muitas dessas comunidades surgidas ao longo desse processo, continuam mantendo suas vidas de forma simples e sem muitas mudanças drásticas durante o decorrer de suas vivências até hoje.

Segundo salienta SANTOS, SALGADO e PIMENTEL. (2010 p.01):

Na Amazônia é possível encontrar ao longo dos rios tais populações, as quais são vistos como ainda vivendo em um modo de vida “primitivo”, principalmente pelas populações citadinas, pelo fato de sobreviverem a partir da pesca, extrativismo vegetal e pequenas plantações de subsistência, onde a vida e dinâmicas são regidas pelo tempo da natureza, o rio. Diferente dos que moram nas cidades com sua rotina ditada pelo tempo “rápido”, visto principalmente como irradiador de tecnologia, conforto, educação e até mesmo com certa “superioridade”.

Pois quando se debate sobre populações ribeirinhas, pensa-se de imediato em pessoas rudes, brutas e sem escolaridade. Além de pensamentos rasos onde essas populações vivem apenas de pescas rudimentares, criações de animais como porcos e galinhas, tanto quanto se atribuem de uma pequena agricultura familiar como forma de complementar uma alimentação escassa.

Um exemplo de que ainda persistem localidades com esses costumes e tradições é a comunidade Boca do Campina, que se tornou um ponto de referência para uma abordagem mais aprofundada a respeito da sua cooperação e beneficência para com as cidades circunvizinhas. Embora tenha sofrido bastantes modificações com o passar do tempo, a comunidade ainda guarda suas tradições e particularidades.

### **3. Localidade Boca do Campina, um símbolo de resistência enquanto comunidade tradicional.**

Neste capítulo será abordado a respeito da comunidade Boca do Campina existente desde os anos 1955 e 1956. Em decorrência da existência de comunidades tradicionais, se faz necessário uma contextualização inicial da comunidade em si.

Figura 1- Comunidade Boca do Campina



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Fonte: SILVA, Raissa (2024).

Esta imagem se trata da comunidade Boca do Campina, tirada nos dias atuais.

A comunidade fica localizada as margens do rio Juruá, fazendo parte do município de Ipixuna-AM, está nas proximidades dos municípios de Guajará-AM e da cidade de Cruzeiro do Sul-AC, de onde são obtidos os recursos comerciais. Os moradores da comunidade também se deslocam as cidades para a retirada de seus recursos financeiros, insumos alimentares e acesso a saúde e etc.

Em uma averiguação mais aprofundada sobre a localidade Boca do Campina, existente a mais ou menos 67 e 68 anos, foi possível observar os diferentes costumes, suas crenças, modos de vida, maneiras de falar e seus métodos de obter os recursos da natureza.

Tendo em vista que a comunidade tem aproximadamente a mesma idade que o município de Ipixuna-AM, sabe-se pouco acerca de como seus moradores obtinham seus recursos industriais como: café, açúcar, óleo, arroz, macarrão, produtos de limpeza e etc. Além de recursos financeiros, bem como adquiriam utensílios para a realização de suas tarefas cotidianamente.

Porém, no tocante ao levantamento que foi feito sobre a comunidade juntamente com os relatos de seus habitantes, verificou-se que a localidade se auxiliava da cidade de Cruzeiro do Sul-AC, inclusive também de mercadores que vinham em suas embarcações com a venda de diversos produtos alimentícios. Inclusive o movimento de regatões pela região ainda é presente, porém, essa atividade se tornou menos frequente, devido os habitantes se auxiliarem dos centros urbanos.

Segundo afirma MARANGONI, MARTINS, VIANA e BEZERRA 2018, regatões são barcos, também conhecidos como batelão e marreteiros, que realizavam um tipo peculiar de comercio nos rios e igarapés. Essas atividades mercantilistas, além da venda de suas mercadorias, tinham como objetivo a troca de objetos por outros produtos das comunidades por onde passavam.

De acordo com o senhor José Valtenci Lopes da silva<sup>3</sup>, por ouvir falar sobre as histórias dos antigos<sup>4</sup>, os primeiros moradores da comunidade foram o senhor Zé Tuchal e o senhor Cleomar Moraes. O senhor Zé Tuchal era agricultor e era um cultivador da terra, já o senhor Cleomar Moraes era um patrão da borracha, os mesmos juntamente com suas famílias deram o pontapé inicial para a formação da localidade.

Os mesmos chegaram ao local na intenção de se beneficiar das grandes quantidades de *Hevea brasiliensis* (mais conhecida como seringueira), e pela beleza das terras em proporcionar excelentes minerais para a atividade agrícola. Logo em seguida, foram chegando novas famílias ao local na intenção de conquistar um pedaço de terra, e principalmente um trabalho para o sustento de suas famílias. Dessa forma Fernando Santos destaca:

A vida no seringal era dura para a família do patrão bem como para todos os fregueses. Claro que a extração do produto, ou seja, a produção propriamente dita ficava por conta dos seringueiros; o patrão era o proprietário das terras, dos meios de produção e monopolizava o comércio em sua propriedade. O barracão era sempre, a principal construção do seringal. SANTOS (2000 p.73).

Como salienta Santos, que apesar das dificuldades e os modos de vida no seringal não ser algo favorável, ainda assim, foi possível surgir comunidades dentro dessa diversidade, como é o caso, da Comunidade Boca do Campina.

Neste sentido, dona Iraci falcão de Lima<sup>5</sup>, destaca que logo após a vinda do senhor Tuchal e do senhor Moraes, a próxima família a chegar a comunidade foi a família de seus avós, desde então a comunidade não parou mais de crescer e começou a se moldar como comunidade em si.

Apesar de que, no princípio de sua formação, a comunidade já dispôs de mais de 33 famílias, num total de 120 pessoas, todavia, grande parte dessas famílias mudaram-se para os centros urbanos. O que acarretou a saída dessas famílias para os municípios vizinhos foi, a falta de oportunidades de trabalho e a escassez de um ensino educacional mais avançado dentro da localidade.

---

<sup>3</sup> Morador da comunidade Boca do Campina, concedeu sua entrevista no dia 11 de outubro de 2024.

<sup>4</sup> Pessoas idosas de gerações passadas.

<sup>5</sup> Moradora da comunidade Boca do Campina, concedeu sua entrevista no dia 11 de outubro de 2024.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Atualmente a comunidade possui um quantitativo de 14 famílias morando no local, num total de 58 pessoas. As mesmas continuam se moldando com as transformações da natureza, porém, sempre se apropriando de seus recursos naturais, vivendo da agricultura, pesca e caça. Vez ou outra também fazem bicos para a sobrevivência de suas famílias, como: a serra de madeiras, brocas de campos, quintais, venda de cosméticos, roupas e produtos industriais em pequenos comércios.

Vinculada a mais outras duas comunidades vizinhas, a princípio a comunidade era denominada Assaituba, mas, com o passar do tempo, a mesma foi formando sua própria identidade, suas organizações políticas, interesses e objetivos em comum. Assim, tendo como seu primeiro presidente o senhor Valdecir Lopes da Silva, em concordância com os habitantes da comunidade, decidiram por trocar o nome daquela região.

Assim, a comunidade passou a ser reconhecida pelo seu atual nome Boca do Campina, em virtude do igarapé Campina, onde sua entrada fica as margens da comunidade. Desvinculando-se dessas outras duas localidades, uma mais abaixo ficou por Assaituba, já a segunda que fica um pouco mais acima, ficou denominada como Ouro Preto.

O senhor Raimundo Nonato Andriola Rodrigues enfatiza em seu relato que no início da formação da comunidade, a principal fonte econômica da comunidade era a agricultura e a extração do látex. Atualmente, o senhor Raimundo Nonato, mencionou que as famílias locais, tem sua economia baseada principalmente na pesca e na produção agrícola, que é o que movimenta a economia da comunidade, isso influenciado principalmente pela importância das águas dentro da comunidade.

Como enfatiza o autor Mauro Cherobim (1983, p.103):

Quando as águas descem e suas várzeas poderiam ser aproveitadas para agricultura, férteis pelos húmus das cheias, o seringueiro tem o seu dia totalmente ocupado no extrativismo do látex: da madrugada até a metade do dia realizava duas viagens na estrada de seringa. A primeira para o corte da madeira e instalação da tigelinha e a segunda para recolhe-la com o látex.

É neste movimento das águas, que os moradores da comunidade Boca do Campina guardam para si uma das tradições mais sagradas da comunidade, a saída do peixe no igarapé, que se torna uma das épocas do ano mais aguardadas pelos seus moradores. Visto que, é

durante este período que todas as famílias da comunidade se reúnem as margens do igarapé Campina e do rio Juruá, para a pescaria do peixe, atividade essa que dura em torno de mais ou menos uma semana.

Sendo assim, na época da desova, os moradores realizam a pesca em suas canoas e barcos, para poder então fazer a venda do produto para os municípios vizinhos à comunidade. Segundo SANTOS E SANTOS:

Pesca de subsistência: desenvolvida por pescadores ribeirinhos e destinada à sua alimentação e à de seus familiares. Quando bem-sucedida, parte da produção pode ser vendida a intermediários ou em feiras das vilas mais próximas. Trata-se de uma atividade difusa, praticada por milhares de pessoas e, por isso, sua produção é difícil de ser quantificada. É também muito expressiva do ponto de vista cultural, por ser uma atividade comumente praticada por gente de ambos os sexos e de todas as idades e categorias sociais. (SANTOS, Geraldo; SANTOS, Ana, 2005, p.167).

Neste sentido, a comunidade Boca do Campina tem em seu destaque a presença de grande parte de seus moradores na associação de pescadores Z41 do município de IPIXUNA-AM.

Com a grande fartura de alimentação que a comunidade proporcionava, muitos pescadores de outras regiões vinham em busca desses recursos para a comercialização de seu produto, o que acarretou uma exploração desordenada dos recursos naturais do local.

Com isso, dona Iraci Falcão de Lima, em seu relato menciona que há uma reserva ambiental na comunidade, um lago chamado sacado da Teresa, a reserva do lago foi imposta, devido à grande demanda de retirada do peixe durante todas as épocas do ano tanto pelos moradores, quanto por pescadores vindos de outras regiões.

A vinda desses pescadores se configurou em uma exploração desordenada do lago, no qual os barcos pesqueiros passavam em média de duas a três semanas, na encosta do porto do lago. Desencadeando assim, a falta de alimento na comunidade durante o verão, período de seca dos rios.

Em meio a essa situação, o presidente da comunidade, o senhor José Valtenci Lopes da Silva, solicitou uma reunião coletiva com todos os moradores da localidade para buscar uma solução adequada para o rompimento com a utilização desenfreada do lago. No decorrer do debate, os que eram contra, logo geraram grande alvoroço, pois não concordavam em

delimitar a área apenas para os habitantes do local. Sendo assim, vale ressaltar o que menciona BARBIOTI E CAMPOS sobre a questão ambiental para as populações tradicionais:

A degradação ao meio ambiente gera um dano a toda coletividade, não somente pela poluição ou degradação causada, mas quando atinge sentimentos da própria coletividade a tal ponto que possa causar revolta e ofender direito difusos e coletivos. O dano moral ambiental vai além do patrimônio material degradado pelo poluidor, transcende para a coletividade e causa impacto no sentimento da sociedade afetada pelo prejuízo do ato danoso. (BARBIOTI; CAMPOS, 2011. p.2).

Como menciona Barbiote e Campos com a degradação do meio ambiente, os recursos naturais podem se tornar escassos e até mesmo podem se tornar extintos. Assim, o lago que era de grande fartura, logo foi ficando escasso de seus recursos, tanto para os moradores locais, quanto para sua venda.

Nos dias atuais com a imposição da reserva é possível ter mais variedades de lugares para a procura de alimento. Além do rio Juruá, o lago é uma das fontes de alimento mais próximas a comunidade em época de seca. Neste sentido, a comunidade vem conseguindo, manter uma fonte de subsistência que tem papel crucial na permanência de seus moradores. Além de ser uma matriz que ajuda a manter a funcionalidade da escola local.

O senhor Raimundo Nonato Andriola Rodrigues<sup>6</sup> menciona em seu relato que durante o ano de 1986, foi fundada a primeira e única escola de ensino fundamental I da comunidade, por nome Solom Melo. A escola recebeu este nome em homenagem ao dono do seringal, o senhor Antônio Solom Guilherme de Melo, na referida época, o município de Ipixuna-AM, era governado pelo então prefeito Edson Herculano Lima.

No momento atual, a Escola Solom Melo, tem uma oferta de ensino muito mais qualificada, ofertando para as crianças e jovens, uma educação mais avançada desde os anos iniciais até o terceiro ano do ensino médio. Em virtude disso, a partir do sexto ano do ensino fundamental II, é ofertado pelo Governo do Estado do Amazonas, a ferramenta de ensino EAD (Ensino a Distância), em parceria com o EJA (Ensino de Jovens e Adultos), disponibilizando a oportunidade de poder concluir os estudos em seu lugar de origem.

---

<sup>6</sup> Morador da comunidade Boca do Campina, concedeu sua entrevista nos dias 23 e 26 de outubro de 2024.

A escola por ser a única a disponibilizar desses recursos, atrai para si diversos discentes de localidades vizinhas. Os estudantes veem a escola em suas próprias embarcações ou através do transporte escolar fluvial, que se dá por meio de botes, em que o catraieiro percorre pelas comunidades realizando o embarque dos alunos, e transportando-os até a escola.

A comunidade guarda uma tradição bastante importante que é a época da farinha<sup>7</sup>, na qual todas as famílias também se reúnem em suas casas de farinha, para a produção da farinha de mandioca. Além da fabricação da farinha, esses grupos familiares também produzem a retirada da goma, o beiju<sup>8</sup>, a tapioca, e o pé de moleque<sup>9</sup>.

Figura 2 -Tradição da Farinhada



Fonte: LIMA, Samira (2024).

A imagem acima, representa uma das famílias da comunidade Boca do Campina em sua casa de farinha raspando mandioca, para a produção da farinha de mandioca.

Uma curiosidade que surgiu com o avanço das entrevistas a respeito de suas tradições, foi que durante o relato do senhor Raimundo Nonato Andriola Rodrigues, ele descreve que a

---

<sup>7</sup> Época em que as famílias se reúnem para fazer a farinha de mandioca. Geralmente acontece todos os finais de ano de acordo com as enchentes dos rios.

<sup>8</sup> Feito a partir da massa de mandioca prensada e peneirada.

<sup>9</sup> Feito a partir da massa cevada, envolvido na palha de bananeira.

comunidade tinha por tradição as festas em homenagem a São Francisco de Assis e São Pedro. Hoje em seus dias atuais a comunidade não realiza mais essas festas pois 95% da comunidade se converteu a religião evangélica, deixando assim de lado o catolicismo. De acordo com o autor Coll (p.184, 2002):

As culturas podem ser consideradas como conjuntos de crenças, conhecimentos, instituições e práticas pelas quais cada coletividade afirma sua presença no mundo, garante sua continuidade e permanência no tempo. Não representam apenas expressões artísticas e/ou folclóricas, mas modos de vida que abrangem toda a realidade existencial de sujeitos e grupos, uma vez que as estruturas econômicas, políticas, jurídicas, religiosas, educativas, científicas, tecnológicas, entre outras, são inscritas e decorrentes de determinada matriz cultural.

Na sequência de seu relato o senhor Raimundo Nonato Andriola Rodrigues enfatiza que nesta mesma época, a principal fonte econômica da comunidade era a agricultura e a extração do látex. Destaca-se também a produção da farinha de mandioca, produção e plantio de diversos tipos de alimentos tais como: feijão, melancia, cana de açúcar, bananas de diversos tipos e principalmente a pesca e a caça que são sinônimos de produtividade do local.

Durante algumas visitas feitas a comunidade anteriormente, foi possível perceber que seus moradores, além de praticarem a pesca como fonte de renda, também costumam cuidar da terra. Atividade essa que envolve as práticas da agricultura familiar, com a plantação de mandioca, milho, melancia, jerimum<sup>10</sup>, feijão, banana, cana de açúcar e batata doce.

Sem deixar de acrescentar que os moradores da comunidade também praticam o extrativismo do açaí, buriti, patoá e bacaba, os mesmos são cultivados em seu determinado tempo do ano. Assim cada família busca respeitar os processos da natureza, cuidando para que a terra não sofra tantas mudanças radicais.

Canto (2007) relata que, a população ribeirinha é composta por unidades familiares, que praticam produção integrada explorando em maior ou em menor escala dos recursos naturais, esta exploração acontece através da pesca, criação de animais, agricultura, extrativismo e recursos das matas ciliares.

No entanto, essa produção alimentícia, colabora apenas para o consumo próprio da comunidade, durante a época do plantio desses alimentos, todas as famílias da comunidade se

---

<sup>10</sup> Abobora.

deslocam ao seu pedaço de terra para o manejo do solo. Esse processo de plantação e colheita perdura por todo o verão até a chegada do inverno, período das cheias.

É através desses recursos da natureza, que a vida peculiar dessas famílias segue cotidianamente, mantendo o foco em seus costumes, sempre buscando manter uma ligação com o seu local de nascimento e respeitando os processos e o tempo da natureza.

Apesar da comunidade Boca do Campina ser localizada em uma região hostil, a localidade presenteia tanto seus moradores, quanto seus visitantes com suas belezas naturais e sua rica biodiversidade todos os dias. Proporcionando também grandes variedades em frutas, cujo manejo se estende tanto para o consumo próprio de seus moradores, quanto para a comercialização nos municípios vizinhos.

Destaca-se também, que seus habitantes carregam consigo a força de seu trabalho braçal, que é uma das características mais marcantes deste local. Mas, em contrapartida, os moradores também se auxiliam dos novos equipamentos industriais, facilitando cada vez mais suas demandas de trabalho.

Aparentando ser uma comunidade bem modesta, a localidade Boca do Campina, aos poucos se esforça para acompanhar os ritmos tecnológicos da nova era digital. Se esforçando para tornar o local mais cativante e amistoso possível, seus moradores se esforçam em cumprir seus deveres de forma sustentável em comum acordo para com o seu meio social.

#### **4. Considerações finais.**

O presente trabalho pretendeu mostrar como se constituiu a Comunidade Boca do Campina, seu quantitativo de famílias que originou a comunidade e quantas dessas famílias permanecem no local atualmente.

Diante disso, foi possível notar que a comunidade Boca do Campina, objeto de pesquisa deste trabalho, não sofreu muitas mudanças em relação aos seus modos de vida. Como também, se apropriou e se aprimorou das ferramentas de trabalho que a princípio lhes foram oferecidas, adaptando-as a seu cotidiano, assim cada morador buscou se manter de forma mais modesta possível.

Preservando também, cada particularidade de suas tradições, seus habitantes acostumados a viver na simplicidade, são muito fieis aos seus costumes. Apesar de haver oscilações em relação a religiosidade, a localidade mantém o seu legado vivo em todas as gerações de seus familiares, tanto quanto para os que moram no local até hoje, quanto para os que de alguma forma necessitaram sair da localidade.

Hoje, graças a tecnologia é possível um acesso mais qualificado a educação, disponibilizando um aprendizado de melhor qualidade. Embora, ainda que uma das formas de se chegar a escola seja demasiadamente perigosa, o investimento em embarcações maiores e de coletes salva vidas para os discentes, seriam grandes melhorias a serem feitas em prol de mais segurança para as crianças e adolescentes.

Em relação aos meios de sustentabilidade da comunidade ainda há divergências no meio social dos habitantes em relação a reserva ambiental do lago sacado da Teresa na comunidade. Pois ainda, há quem queira usar o lago para a extração do peixe para sua comercialização de forma desordenada.

Mediante o exposto, a comunidade procura trabalhar com a natureza e com os recursos naturais de forma sustentável, o homem e a natureza convivendo em harmonia. Além de manter seus interesses em favor da comunidade, buscam viver a vida da forma mais singela possível, sem atritos com seus semelhantes.

Porém, vale lembrar que é dessas pequenas colocações que são extraídos a maior parte de todas as fontes alimentícias que abastecem os municípios circunvizinhos, desde o peixe, a caça, as frutas, legumes e a farinha. Com isso, se faz necessário reconhecer que essas comunidades, precisam de investimentos para garantir a produção de seus produtos naturais, promovendo ainda mais igualdade entre esses povos.

Por fim, cabe destacar o significado da importância de um olhar mais atento a essas comunidades, pois geralmente, essas comunidades só são consideradas importantes em épocas de política, onde os políticos se deslocam para fazer suas campanhas. Mas logo após a passagem da campanha eleitoral, as comunidades acabam tornando-se esquecidas novamente.

## **5. Fontes**

Iraci Falcão de Lima, moradora da comunidade Boca do Campina, concedeu sua entrevista no dia 11 de outubro de 2024.

José Valtenci Lopes da Silva morador da comunidade Boca do Campina, concedeu sua entrevista no dia 11 de outubro de 2024.

Raimundo Nonato Andriola Rodrigues, morador da comunidade Boca do Campina, concedeu sua entrevista nos dias 23 e 26 de outubro.

## 6. Referências

BARBIOTI, Elza Maria; CAMPOS, Rodolfo Boranga de; **poluição dos rios**. Faculdade de ciências sociais e agrárias de Itapeva. 2011. p.2.

CANTO, Otavio. **Várzea e varzeiros da Amazônia**. Belém: MPEG, 2007.

CAVALCANTE, Ormifran Pessoa. **CARMEM: era uma vez um seringal**. [livro eletrônico] / Ormifran Pessoa Cavalcante. – Rio Branco: Edufac, 2022.

CHEROBIM, Mauro. **Trabalho e comercio nos seringais amazônicos**. 1983.

COLL, Agustí Nicolau. **Propostas para uma diversidade cultural intercultural na era da globalização**. São Paulo: Instituto Polis, 2002 (cadernos de proposições para o século XXI,2).

DE PAULA, Andrea M.N, R.; BRANDÃO, Carlos R.; CLEPS JUNIOR, João. **Pesquisa de campo e em campo, os saberes das histórias de vida em comunidades rurais no sertão de Minas Gerais – Brasil**. 2006. <http://www.rimisp.org/getdog.php> acesso em 05/07/2009.

ESTEVES, B. M. G. **Do manso ao guardião da floresta: estudo do processo de transformação social do sistema seringal, a partir do caso da Reserva Extrativista Chico Mendes**. 1999. 248f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Agrícola). Orientadora: Delma Pessanha Neves. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LAGE, Mônica Maria Lopes. **Mulher no seringal: um olhar sobre as mulheres nos seringais do Amazonas (1880-1920)** 2010, p.6. Manaus 2010.

LAGE, Mônica Maria Lopes. **Mulher no seringal: um olhar sobre as mulheres nos seringais do Amazonas (1880-1920)** 2010, p.20. Manaus 2010.

MARANGONE, Vivian; MARTINS, Alex; VIANA, Rejane e BEZERRA, Alessandro: **Um anti(herói) amazônico: a resistência dos regatões nos rios do Amazonas**. 2018, p.2.

PAULA, E. A. de. **Seringueiros sindicatos: um povo da floresta em busca da liberdade**. 1991. 268f., f. 97. Dissertação (Mestrado em desenvolvimento agrícola). Orientadora: Leonilde Sérvolo de Medeiros. Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SANTOS, Cássio Rogerio Graças; SALGADO, Mayane Soares e PIMENTEL, Márcia Aparecida da Silva: **ribeirinhos da Amazônia: modo de vida e relação com a natureza**. 2010, p.1.

SANTOS, Fernando Sergio Dumas dos: **Ainda a “cultura do barracão” nos seringais da Amazônia**. 2000, p.73.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

SANTOS, Geraldo Menezes dos; SANTOS, Ana Carolina Menezes dos; **Sustentabilidade da pesca na Amazônia**. 2005, p.167.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres da Floresta: uma história: Alto Juruá, Acre (1890-1945)**. São Paulo: Hucitec, 1999.

Recebido em: 04/11/2024

Aprovado em: 19/11/2024